

As Fíbulas do Bronze Final no Norte e Centro de Portugal: rede de intercâmbios e assimetrias

Maria de La Salette da Ponte

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 539-560

1. Introdução

Há um conjunto diversificado de fíbulas do Bronze Final emergentes nas zonas culturais diferenciadas e de “fronteira”, que definem o sincronismo e anacronismo das sociedades com assento no actual território português, durante a nossa Proto-História. Este estudo é o desenvolvimento do tema apresentado no *II Congresso de Arqueologia Peninsular* (PONTE, 1997 no prelo), com análise circunstanciada das fíbulas de “arco multicurvilíneo”, e alguns comentários relevantes para os tipos “*Sem Mola*” e de “*Dupla Mola*”.

Referiremos ainda, como dado importante, os modelos mais evoluídos e exógenos (“*falso ad occhio*”, “*variante de dupla mola*”, *Alcores*, *Bencarrón*) do Bronze Final/1.ª Idade do Ferro, que sugerem influências e assimetrias difíceis de determinar quanto à sua origem e via cultural, num horizonte cronológico preciso entre o Bronze Final e a 1.ª Idade do Ferro.

Destacaremos, neste trabalho, os tipos mais representativos e determinantes da nossa Proto-História, bem como os contrastes morfológicos e mecânicos de certos modelos conhecidos na Península Ibérica, com maior ou menor ocorrência em Portugal. Procuraremos, com base na recente investigação arqueológica, situar na nossa Proto-História a diversidade de fíbulas peninsulares e extra-peninsulares que assumiram uma dinâmica evolutiva própria no Bronze Final e no limiar cronológico para a 1.ª Idade do Ferro. Referiremos, por fim, à dispersão dos vários modelos no actual território português, com incidência para as zonas Norte e Centro de Portugal.

2. Investigação Recente

A investigação arqueológica recente da Pré e Proto-História da Península Ibérica tem fornecido um quadro generalizado de comunidades que provocaram progressivamente transformações sócio-económicas e motivaram novos comportamentos de relação entre as populações regionais e supra-regionais. O alargamento de relações e intercâmbios com as regiões mediterrânicas e atlânticas resultou no desenvolvimento e hierarquização das áreas geo-culturais da Península Ibérica, sobretudo das comunidades dispersas pelo território português.

É neste quadro de transformações sócio-económicas durante a segunda metade do III e inícios do II milénio a.C. (entre c. de 2700/2800 e c. de 1800/1700 c.c.), que emergem áreas culturais diferenciadas e de “*fronteira*”, com largas “*franjas*” híbridas e exógenas, no território português. São concretamente as regiões do Norte de Portugal, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve. Porém, entre estas manchas culturais foram detectadas linhas de “*fronteira*” e de convergência, entre as diferentes áreas culturais. A análise de vestígios de cultura material dos meados do II milénio a.C., provenientes de comunidades que ocuparam o solo português entre c. de 1800 a.C. e 1700 a.C., assinalam manchas regionais diferenciadas, com características globais comuns. Por outro lado, o grau de desenvolvimento destas áreas culturais não é homogéneo mas aglutinante de diferentes contactos simbióticos e exógenos, oriundos de regiões de influência Atlântica e Mediterrânica. A introdução da metalurgia do bronze da Península Ibérica, por volta de 1800 a.C., constituiu numa importante inovação tecnológica para a produção e comercialização de artefactos metálicos, alguns dos quais tidos como *artefactos de prestígio*, (JORGE, 1990: 164). Estão neste caso as *fibulas*, entre outros, (em ouro, prata e bronze), que circulavam, para além do seu carácter utilitário, como moeda de troca, peso, ou como insígnia militar, ex-voto religioso, ou como objecto profiláctico, médico-higiénico (*ínfibulatio*), etc. A circulação e aparecimento de novos tipos de artefactos em múltiplas zonas da Península Ibérica, como sejam as fíbulas no Bronze Final, são indicadores dos intercâmbios supra-regionais, que articulavam simultaneamente a “*região Atlântica, a bacia do Mediterrâneo e a Europa Central*”, entre c. de 1250 e c. de 700 a.C..

Situam-se neste horizonte geo-histórico as fibulas de “*arco multicurvilíneo*” (de “*ad occhio*” ou “*arco serpentiforme*”), “*Sem Mola*”, “*Dupla Mola*”, “*arco engrossado*” (tipo sanguessuga) e “*arco pouco engrossado*” (com ou sem descanso “*arco losangonal c/ apêndices*”, *Alcores*, *Bencárron* e *Acebuchal*). Este universo de fibulas permitem, para além da grande variedade tipológica, identificar situações culturais múltiplas existentes no nosso território, bem como estabelecer parâmetros cronológicos relativos para os protótipos e congêneres já mencionados. A diversidade artefactual com as características comuns e exógenas reflectem a natureza de intercâmbios entre as regiões peninsulares e extra-peninsulares. Há, paralelamente, sub-tipos, que apresentam, na cadeia evolutiva das fibulas, características exóticas e híbridas em relação a analogias tipológicas conhecidas. Estão neste caso as fibulas de “*falso ad occhio*”, as de tipo “*bucle*” (CUADRADO, 1963: 14-19), de “*dupla mola*” e de tipo *Alcores/Bencárron*.

Procuraremos, para cada família e grupo de fibulas do Bronze Final existente no Norte e Centro de Portugal, apresentar um *corpus* de questões e hipóteses relacionadas com a sua origem e difusão, tendo em vista aspectos genéricos e específicos de estrutura, mecânica, fabrico e nomenclatura.

3. Tipo e Cronologia

A fíbula de “*arco multicurvilíneo*” ou de “*ad occhio*” é um dos tipos mais estudados das fibulas peninsulares, que envolve um conjunto de problemas e questões polémicas sobre a sua origem, tipologia, e cronologia e difusão na Europa-Occidental. Pretendemos estabelecer uma série de considerações sobre esta categoria de fibulas, tão importante para a Proto-História Peninsular.

Esta fíbula conhecida por “*ad occhio*” é, a par da fíbula anular hispânica, uma das formas mais estudadas da bibliografia peninsular (ALMAGRO BASCH, 1940; RUIZ DELGADO, 1989: 31-67; CARRASCO RUS *et alli*, 1998: 423-443).

A extensa bibliografia especializada existente dá-nos conta da proliferação de formas achadas na Península Ibérica durante o Bronze Final Atlântico, estando estes modelos inter-relacionados com protótipos provenientes de zonas mediterrânicas e centro-europeias. Os estudos recentemente divulgados sobre estas e outras fibulas do

Bronze têm procurado determinar a origem, tipologia, cronologia, difusão e com os seus prováveis portadores para a Península Ibérica. A recente bibliografia especializada apresenta um novo percurso tipológico da fíbula de cotovelo (=arco multicurvilíneo=*“ad occhio”*), com parâmetros estruturais e culturais diferenciados e distintos. P. G. GUZZO ao estudar as fibulas de tipo em *“cotovelo”* achadas no mediterrâneo (GUZZO, 1970) e comparando-as com as do depósito da Ria Huelva (GUZZO, 1969: 300), reconheceu duas grandes categorias diferenciadas pela sua morfologia estrutural e decorativa: fibulas de esquema triangular simétricas (a) e assimétricas (b). No primeiro grupo reuniu as fibulas de *Kouvion*, *Meggido*, enquanto que na segunda categoria inseriu as fibulas da *Cassibile*, da necrópole de Módica e as de *Monte Dessueri*, formas tipicamente sicilianas. ALMAGRO BASCH (1957: 31) inclui as fibulas de cotovelo de Huelva na primeira categoria, dada as características morfológicas e decorativas destas com os modelos cipriotas. As primeiras caracterizam-se essencialmente pelo arco triangular isósceles, em cotovelo, aberto ou fechado, simétrico, de lados encurvados, de secção circular, com decoração relevada e fusilhão recto; as segundas de arco liso, secção circular e sumária decoração geométrica. Outros autores peninsulares, como GRACIA e ASENSIO (1989: 109-132), ARGENTE OLIVER (1994: 46-50) e RUIZ DELGADO (1989: 49-53) apresentam uma nova distribuição tipológica, onde figuram todos os modelos conhecidos de origem greco-egípcia, siciliana, cipriota, itálica e hispânica: Por seu turno, A. COFFYN (1985: 29) e ALMAGRO GORBEA (1986: 341) lideram duas teorias antagónicas, quanto à possível origem e difusão deste protótipo na Península Ibérica e em todo o Mediterrâneo, reflectindo discrepâncias sobre a cronologia desta fibula reunidas numa vasta categoria, com diversas ramificações estruturais e decorativas.

O primeiro admite dois modelos principais, um de natureza cipriota e outro siciliano, ambos resultantes de diferentes universos culturais, durante o séc. IX a.C., na vasta zona do Mediterrâneo Oriental; ALMAGRO GORBEA situa o protótipo da fíbula de *“arco multicurvilíneo”* ou em *“cotovelo”* no Mediterrâneo Oriental, originando no Bronze Final uma série de modalidades, reunidas em dois grandes grupos tipológicos, com vínculos culturais e comerciais diferenciados, como sugerem os exemplares conhecidos na Península Ibérica. Admite para a fíbula em *“cotovelo”* a cronologia proposta pelo

depósito da Ria de Hueiva, finais do séc. X a.C. correspondente à modalidade mais antiga do nosso grupo de “*arco multicurvilíneo*”. Parece-nos que esta cronologia baseada na datação radiocarbónica do depósito de Hueiva é consentânea com os resultados arqueológicos do depósito gaulês de *Nôtre Dame d’Or* e do núcleo de *Vénat*, datado entre 850 e 700 a.C. (ALMAGRO BASCH, 1940: 1 e ss.), do encerramento de *S. Román de La Hornija* (DELIBES de CASTRO, 1978: 246), datado por C 14 (870 a.C.), dos depósitos de *S. Esteban del Rio Sil*, do *Monte da Penha*, de Araya e Herrera (RUIZ DELGADO, 1989: 57), e do mobiliário funerário da sepultura da *Roça do Casal do Meio* (Sesimbra), datado do séc. IX a.C. (SPINDLER *et allí*, 1973-74: 118-125, figs.10-11). Julgamos que a fibula designada por nós de “*arco multicurvilíneo*” peninsular é a sucessora da fibula “*ad occhio*” corrente, em vários sítios do Mediterrâneo, especialmente no sul da Itália e Sicília.

Este protótipo é, no nosso entender, o fossil arqueo-histórico para o esclarecimento das relações económicas e culturais entre a bacia do Mediterrâneo e a Península Ibérica. Parece-nos que a fíbula de “*arco multicurvilíneo*” peninsular, e muito concretamente a do actual território português, revela afinidades estruturais e mecânicas com as fíbulas de “*cotovelo*” ou “*ad occhio*”, tendo estas um parentesco directo com as fíbulas de “*arco em violino*”. Colocam-se-nos muitas interrogações sobre a sua origem, apologia, cronologia e difusão, devido aos resultados pouco fiáveis da generalidade dos estudos regionais, dificultando assim, a aplicação de uma metodologia científica rigorosa, quando só existem poucos exemplares de datação segura. Essas dificuldades são acrescidas pela falta de uma linguagem adequada à diversidade de tipos e sub-tipos e de modelos afins.

Impõe-se, deste modo uma uniformidade de critérios quanto à terminologia e nomenclatura da fíbula de “*cotovelo*” nos mais diversos conteúdos estruturais, mecânicos e culturais. Acontece que o protótipo da fíbula denominada de “*cotovelo*” ou “*acodada*” apresenta um perfil triangular comum à generalidade dos subtipos evoluídos. Porém, este universo tipológico apresenta, para além de claras diferenças estruturais, níveis cronológicos distintos, que traduzem as relações comerciais durante o Bronze Final, entre o Mediterrâneo Oriental a Península Ibérica e as Ilhas Britânicas. A área de

expansão destas fíbulas situar-se-iam, no nosso entender, no Mediterrâneo Central, donde a Sicília e o Sul de Itália constituíram, entre os sécs. XII e X a.C., os principais viveiros da fibula de “cotovelo”, designada por fibula de tipo *Cassibie* (BERNADO BREA, 1953-54: 191-213). Este modelo apresenta um perfil triangular com particularidades morfológicas: arco em “cotovelo”, fusilhão recto, mola unilateral e descanso curto, ou, arco com decoração incisa, de secção circular, em “cotovelo”, formando este uma espira ou olhal. É neste contexto geo-histórico que se situam as fíbulas de Huelva e as formas portuguesas, modelos evoluídos do protótipo directo siciliano.

As várias modalidades do modelo-tipo de “*arco multicurvilíneo*” (PONTE, 1989: 75) conhecidas em Portugal, teriam pertencido a um horizonte cronológico não anterior aos finais do séc. XII a.C./inícios do XI a.C., com uma larga dispersão geomorfológica até ao séc. VIII a.C.. Digamos que o modelo português mais antigo situar-se-ia no Bronze II do Ocidente Peninsular (1100-940 a.C.), tal como os exemplares da Ria de Huelva submetidos a um programa de calibração do radiocarbono (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995: 82, fig. 17); o mais evoluído situar-se-ia entre os finais do séc. VIII a.C. -inícios do VII a.C..

O grupo de fíbulas portuguesas de “*arco multicurvilíneo*” com mola unilateral apresentam três modalidades diferenciadas pela projecção morfológica dos seus elementos: arco em “cotovelo”, fusilhão e descanso. Os modelos mais antigos apresentam um cotovelo acentuado e aberto, com os braços simétricos, fusilhão recto e descanso curto; os modelos evoluídos apresentam uma acentuada curvatura dos braços do arco, tornando-se dissimétricos, sobretudo entre a mola e o “cotovelo”.

A evolução do arco é seguida pelo “cotovelo”, pela mola unilateral, e pelo fusilhão, que de perfil recto vai descrevendo uma curvatura mais ou menos acentuada. O descanso é outro dos elementos estruturais, que se vai adaptando às oscilações morfológicas das restantes peças, sobretudo do arco. Esta evolução morfológica está directamente relacionada com a técnica de fabrico. É curioso constatar que estes passos tecnológicos nos sub-tipos da fibula de “*arco multicurvilíneo*”, permitem a proliferação de múltiplas modalidades nos finais do Bronze Final, dando origem a outros tipos tão característicos da 1.ª Idade do Ferro, como sejam as fíbulas de “*dupla mola*” e de tipo

Alcores. Ao analisar os vários quadros tipológicos conhecidos, com destaque para aqueles que gizam uma linha evolutiva da fibula em “cotovelo” ou acodada durante o Bronze Final na bacia mediterrânica, constatam-se inúmeras particularidades e diferenças existentes nos exemplares do Mediterrâneo Oriental e Central, entre os sécs. XII a.C. e o IX a.C., relacionadas certamente com a sua origem e processo tecnológico.

O recente estudo monográfico de estações arqueológicas peninsulares do Bronze Final (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995: 82), associado a resultados metalográficos de bens artefactuais, tem concorrido para um melhor conhecimento dos contextos culturais e cronológicos da Península com as zonas mediterrânicas e centro-europeias.

A datação segura destes produtos metálicos permitir-nos-á estabelecer a sua possível origem e difusão na Península Ibérica, como traçar as principais vias culturais, que determinaram os inúmeros modelos em toda a Europa Central e Ocidental. Por outro lado, os exemplares recentemente estudados no nosso território e recolhidos em níveis de datação segura (GUERRA *et alli*, 1989: 189-201; KALB, 1978: 112-138; SILVA *et alli*, 1984: 73-109; COFFYN, 1985; GIL *et alli*, 1989: 235-248; VILAÇA, 1995: 354), permitem estabelecer um novo enquadramento tipológico e cronológico para todas as fibulas de “arco multicurvilíneo”, modelos evoluídos da fibula em “cotovelo”, de natureza cipriota e siciliana. Consideramos, nesta categoria, todas as fibulas, cujo arco descreve vários segmentos mais ou menos curvilíneos, unidos por um vértice superior, designado por cotovelo”, ou por uma espira ou um apêndice de recorte decorativo singelo ou múltiplo.

Este quadro tipológico encerra vários grupos diferenciados por caracteres morfológicos e técnicos distintos, a par das correntes culturais desenvolvidas durante o Bronze Final. As fibulas de “arco multicurvilíneo”, são, no nosso entender, aquelas que apresentam um arco de perfil simétrico ou assimétrico, marcado ou dividido pelo plano vertical do cotovelo existente no vértice superior dos braços do triângulo da peça. O recorte morfológico de “arco multicurvilíneo” faz supôr a existência de caracteres regionais diferenciados apresentando, entre si, estreitas afinidades ou analogias estruturais e mecânicas. O arco é, por assim dizer, o critério geral e comum entre as três famílias de fíbulas de “arco multicurvilíneo”; o descanso, muitas vezes, directamente

relacionado com a mola unilateral faz isolar cada uma das categorias em grupos diferenciados e regionais; a decoração, a inflexão da mola-fusilhão, o recorte do descanso e do “cotovelo” são outros tantos elementos estruturais e morfológicos, que determinam a divisão em tipos e sub-tipos dos vários grupos de fibulas de “arco multicurvilíneo” (Fig. 1). Inserimos, no grupo mais antigo os exemplares portugueses de *Roça do Casal do Meio*, em Sesimbra (SPINDLER, 1973-74: 118-125), *Castro de N^a Sr^a da Guia* em Baiões (KALB, 1978: 123), *Castro de S. Romão*, em Seia (GUERRA *et alli*, 1989: 237) e *Castro de St^a Luzia*, em Viseu (PONTE e VAZ, 1989: 188, Est. 1, nº 1) e do *povoado de Lavra*, em Marco de Canaveses (SANCHES, 1995: 116); na 2^a modalidade situamos as fibulas provenientes do povoado de Areia-Guincho, em Cascais (PONTE, 1982-83: 112, nº 1), do *Castro de Pirreitas*, em Alcobaça (PONTE, 1984: 95, nº 2), de *Alcácer do Sal* (inédita) e de *Mondim da Beira*, em Viseu (PONTE, 1986: 71, fig. 1); a última variante inclui o exemplar do povoado de *N^a Sr^a da Cola*, em Ourique (PONTE, 1986: 79). Diferem, entre si, pela projecção, decoração e secção do arco, pelo eixo e fisionomia do cotovelo, pelas proporções da mola unilateral, pelo percurso mais ou menos acentuado do fusilhão e pelo descanso curto ou desenvolvido. As alterações dos vários segmentos da fibula são provocados, sobretudo pelas oscilações estruturais e mecânicas dos vários modelos das fibulas de “arco multicurvilíneo”. Julgamos que os modelos portugueses, pela sua estrutura e mecânica, bastante singela, foram feitos pelo processo da forja.

As análises espectrográficas de que dispomos dão-nos informações curiosas sobre as técnicas de fabrico, os componentes percentuais de impurezas e o minério usado na manufactura dos objectos metálicos. As conclusões obtidas nos casos do *Castro da Senhora da Guia*, em Baiões (KALB, 1978- 122), do *Castro de Santa Luzia* e do *Cabeço de São Romão* (GUERRA *et allí*, 1989: 200) caracterizam-se pela homogeneidade e coerência de datas para os vários contextos habitacionais, ou seja, entre os finais do Bronze II (1100-940 a.C.) e inícios do Bronze III (940-750 a.C.).

Os dados científicos destes sítios arqueológicos apontam para um grupo do Bronze Final, culturalmente homogéneo, centrado na área regional da Beira Alta (bacias do Médio e Alto Mondego e Médio e Alto Vouga), e designado por “Grupo de

Baiões/Santa Luzia” (GUERRA *et alii*, 1989: 200). As restantes peças desprovidas de contexto estratigráfico seguro não foram ainda sujeitas a nenhum método analítico, pelo que a sua datação é feita por aproximação tipológica e cronológica com objectos similares. Por outro lado, conhecemos para a primeira modalidade exemplares de *Cerro del Berrueco* (Salamanca), *Monachil* (Granada), depósito de *Saint-Yriex* (Vénat, em Charente, França) e *Amiens-Somme* (COFFYN, 1985: fig. 56), para além de outros modelos dispersos pelo corredor ocidental europeu, entre o Sul da Itália e Sicília e o extremo ocidental peninsular. É importante referir que as fibulas em “cotovelo”, de tipo *Cassible*, de origem sícula, são referendadas na Península Ibérica, sobretudo na Andaluzia Ocidental (ria de *Huelva*, *Monachil*, *Cerro de la Mora*, *Molino della Badia*, etc.) e nas estejas estremanhas como em *Assento* e *Ervidel I* (GOMES e MONTEIRO, 1976-77: 323) no Bronze Final I (1250/1200-1000 a.C.), cronologia válida para a ria de Huelva (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995: 82, fig. 17). Digamos que a primeira modalidade de “arco multicurvilíneo” situa-se na cadeia tipológica evolutiva da fibula de tipo *Cassible*, pelo que se propõe para aquela um horizonte cronológico não anterior aos meados ou finais do séc. XII a.C.. A segunda modalidade, caracterizada por um descanso em disco e uma mola unilateral proeminente, é rara na Península Ibérica, conhecendo-se, no actual território português, poucos exemplares, como as peças provenientes do *Castro de Pirreitas* (Alcobaça), *Alcácer do Sal*, *Mondim da Beira* (Viseu) e *Povoado de Areia-Guincho*, em Cascais. Todos eles foram identificados nos fundos dos museus desprovidos de qualquer contexto estratigráfico.

Este sub-tipo ocorre com abundância na Itália Central, prolongando-se para norte do rio Pó e para ocidente do Reno, como atestam os exemplares recolhidos na região francesa (Duval *et alii*, 1974, fig. 19), sobretudo em *Galhargues* (Gard), *Bavay* (Nord) e *Saturarques* (Hérault). Ocorre em território italiano durante os Períodos III (1500-1325) e IV (1325-1225) de Montelius, sobretudo em *Cumas* e *Vetulonia* (MONTELIUS, 1895: Est.XIV, 195-198, 203 e Est. XVI, 218 e 220), enquanto que os exemplares franceses (*Languedoc*) e espanhóis (*La Mercadera-Soria*; *Getafe* (Madrid) datam entre os finais do séc. X a.C. e o séc. VIII a.C. (PONTE, 1984: 92, n.º 2). Admite-se que os exemplares portugueses não deverão ser anteriores aos finais do séc. X

a.C./inícios do IX a.C.. Parece-nos que a raridade deste modelo estaria relacionada com a maior ou menor elasticidade e resistência do sistema de fixação, donde a fisionomia da mola, fusilhão e descanso eram determinantes para o recorte do arco. A mola unilateral proeminente exigia um fusilhão recto e um descanso dilatado, ou seja, discal. A presença de vários exemplares na Itália meridional e ilhas mediterrânicas e a sua raridade na faixa ocidental europeia explicar-se-á como um fenómeno endógeno, sem repercursões mecânicas e culturais. Estes modelos corresponderiam a um grupo de jóias que, pela técnica de fabrico e pelos motivos decorativos plásticos do arco e do descanso, desempenhariam uma importante função económica, social e cultural no Bronze Final. Daí a raridade desta modalidade e a feroz concorrência do modelo clássico, que bem mais singelo e mais eficaz que aquela como sistema seguro de fixação prejudicou e reduziu o seu fabrico, entre os finais do séc. X a.C. e os inícios do séc. IX a.C.. A fibula do *Castro de Pirreitas* está directamente relacionada com os exemplares recolhidos a ocidente do maciço central dos Alpes, entre os sécs. XI-X a.C., que posteriormente adoptam um descanso discal, plano, obtido por martelagem. Os poucos exemplares peninsulares situar-se-iam no séc. IX a.C., ao passo que os sub-tipos evoluídos apresentam um descanso curto (DUVAL *et allí*, 1974: 31-33; PONTE, 1984: 91-92, fig.2), conservando o fusilhão recto. Os exemplares portugueses por estarem muito incompletos, à excepção da fibula de *Castro de Pirreitas*, não foram inseridos em nenhuns destes sub-tipos, o último dos quais datado entre os finais do séc. IX a.C. - séc. VIII a.C..

A 3ª modalidade de “*arco multicurvilíneo*” é uma forma evoluída das suas antecessoras, revelando um “*arco acodado*” e curvilíneo, em forma de crescente ou lúnula, como nos atesta o exemplar de *N.ª Sr.ª da Cola*, em Ourique (PONTE, 1986: 79). Este modelo provém da evolução das fibulas italianas de “*arco serpentiforme*”, com uma ou duas molas simples, frequentes nos finais do Período IV (1225/1100-95 a.C.). Ocorrem com frequência na zona setentrional italiana assumindo uma diversidade de tipos e sub-tipos evoluídos datados, entre 710-700 a.C., como nos atestam exemplares de *Tarquinia*, *Chivsi*, *Luessula* (SUNDWALL, 1943: 60-61, figs. 408, 418), *Bolonha*, *Génova*, *Veneto* (ELES MASI, 1986: 210-229). Estas modalidades têm uma larga difusão

na região francesa, entre os finais do séc. VIII-VII a.C. (DUVAL *et alii*, 1974: 35-38, pp. 22, n.º1-10). Acontece que esta vasta família de fibulas de “*arco serpentiforme*”, parece ser bastante rara na Península Ibérica, certamente pela dificuldade de identificação dos fragmentos recolhidos em níveis do Bronze Final/1ª Idade do Ferro.

O exemplar de *N.ª Sr.ª da Cola* aproxima-se da modalidade de fibulas sepentiformes usuais no território setentrional francês. Caracterizam-se essencialmente, por um arco delgado, de secção rectangular, acentuadamente curvilíneo, formando superiormente um cotovelo, para depois ao arquear-se, desenvolver-se numa espira e prolongar-se, sem transição, no fusilhão. As formas mais evoluídas e singelas, como o exemplar português, surgem, na maioria dos casos, em sepulturas de inumação e cremação dos finais do séc. VIII a.C./inícios do VII a.C. (ELES MASI, 1986: 214). O nosso exemplar é uma peça descontextualizada não permitindo situá-lo, rigorosamente no período cronológico, que medeia os últimos anos do Bronze Final e a Idade do Ferro. Julgamos também que este grupo de fibulas deveria representar um marco tipológico homogéneo, de pendor regional.

Esta última modalidade ocorre com frequência nos enterramentos de inumação e cremação dos finais do séc. VIII a.C. inícios do VII a.C., sobretudo em Itália e França.

4. Intercâmbios e Assimetrias

Os dados peninsulares são bastante exíguos para determinar a tipicidade e a especificidade das fibulas de “*arco multicurvilíneo*” no panorama sócio-cultural e político das populações do Bronze Final e do Ferro Inicial. O novo quadro tipológico e cronológico prende-se essencialmente com as múltiplas formas dispersas pela vasta faixa do Mediterrâneo Oriental e Ocidental e pela sua larga representatividade na Península Ibérica durante a Idade do Bronze. Os horizontes cronológicos propostos provêm, por outro lado, de estudos monográficos recentes e de últimos resultados arqueológicos, cujos contextos estratigráficos permitem uma compilação científica de todos os dados avaliados e interpretados.

A fibula de “*arco multicurvilíneo*” (=“*ad occhio*”, “*em cotovelo*”) está associada aos primeiros modelos conhecidos nos países mediterrânicos, designados

genericamente por fibulas de “*arco de violino*” e de “*arco simples*”. Estas situar-se-iam no Minoico Recente II, ou seja, no séc. XV a.C., tendo sido, assim, os protótipos directos das múltiplas formas de fibulas da Idade do Bronze, entre os sécs. XIII-XII a.C. (MONTELIUS, 1895: Est. VI, BLINKENBERG, 1926: 73). A sua dispersão na Europa Central, Itália e Balcãs está associada aos movimentos migratórios dos povos europeus e à colonização dos imigrantes oriundos do litoral da Ásia Menor da Idade do Bronze, na vasta região do Mediterrâneo Ocidental. A sua área de dispersão decorre nos finais do 2.º milénio a.C. em toda a bacia mediterrânica, na sua vertente norte e ilhas, com exemplares esporádicos nas ilhas gregas, costa do Médio Oriente e Península Ibérica (RUIZ DELGADO, 1989: 59). O achado peninsular mais antigo é o de *Cerro del Berrueco* (Salamanca), datado do Bronze Final I ou inícios do Bronze II, entre 1200 e 1000 a.C. (DELIBES de CASTRO, 1981: fig. 1). Digamos que a presença da fibula de arco em “*violino*” situar-se-ia no território Peninsular, entre os sécs. XII e XI a.C. (GUZZO, 1969: 25), sofrendo neste período temporal, ligeiras alterações morfológicas, sobretudo no perfil e secção do arco. É o primeiro e único exemplar da sua série tipológica, surgindo no mesmo espaço geográfico das fibulas ditas de “*cotovelo*”, e que tiveram uma larga aceitação a ocidente do Mediterrâneo Central.

Os principais modelos situam-se no depósito da ria de *Huelva*, sobretudo no Levante Espanhol, donde sobressaem as variantes de tipo simétrico, assimétrico e “*acodadas*” (RUIZ DELGADO, 1989: 59). Esta diversidade morfológica permite suspeitar dos múltiplos interesses e complexos movimentos culturais nos finais do Bronze Final no Mediterrâneo Ocidental e Europa Ocidental. Os estudos recentes de P. G. GUZZO, G. DELIBES DE CASTRO e de ALMAGRO GORBEA, apontam para a generalidade das fibulas em “*cotovelo*” uma cronologia próxima dos meados do séc. XI/inícios do X a.C.. É curioso constatar que as fibulas em “*cotovelo*” peninsulares, como noutros locais do Mediterrâneo, situam-se em horizontes estratigráficos seguros, datados entre 1100 e 850 a.C.. Esta cronologia coincide com as fibulas de tipo *Huelva* e com o único exemplar de *Cerro de La Mora*, fixado em 1080 a.C. (CARRASCO RUS, 1981: 307-354). Estas e outras modalidades peninsulares assumem peculiaridades estruturais, mecânicas e decorativas, resultantes da mestria técnica dos artífices peninsulares. Reflectem

influência cultural das fibulas de arco em “cotovelo” e de “arco simples” semicircular, provenientes do mundo Mediterrâneo Central, provavelmente entre 1200 e 1000 a.C.. Ora a convergência de correntes culturais durante o Bronze Final, entre o Mediterrâneo Central e a Península Ibérica, motivou a evolução morfológica e técnica das fibulas ditas em “cotovelo”, agrupando-se, a partir daí, em séries tipológicas diferenciadas, entre os sécs. XI e X a.C.. É neste quadro morfológico e tipológico, que inserimos todas as fibulas peninsulares de “arco multicurvilíneo”, descendentes directas das fibulas de arco em “violino”, de arco “simples” e da fibula siciliana existentes no mundo Mediterrâneo, entre os sécs XIV a.C.-XII a.C. Surgem, assim, famílias e séries diferenciadas entre si, pelo perfil morfológico, estrutura, mecânica e decoração que as distingue. Referimo-nos às fibulas de tipo siciliano (tipo Huelva, Sículo ou de *Cassible*), de tipo “pivote” e de “arco serpentina”. Estas formas evoluídas da Península Ibérica, que designamos genericamente de “arco multicurvilíneo”, são o reflexo de diferentes zonas e culturas do Mediterrâneo Oriental e Central, durante a Idade do Bronze, sobretudo do Bronze Final. Reflectem igualmente, um intenso intercâmbio comercial de longa distância entre os povos peninsulares e extra-peninsulares.

Estamos em crer que os vários protótipos extra-peninsulares foram modelados pelos artífices regionais da Península Ibérica, sobretudo no Levante Espanhol, com repercussões similares no grupo regional da Beira Alta, designado por “Grupo de Baiões/Santa Luzia”. Os exemplares mais antigos, tanto os da Andaluzia Oriental, da Meseta, como as fibulas portuguesas da faixa costeira e interior, revelam características morfológicas, decorativas e mecânicas sui generis dos seus protótipos europeus. Os outros sub-tipos da fibula de “arco multicurvilíneo” revelam, entre si, cambiantes mecânicas e morfológicas pontuais, correspondentes a etapas cronológicas distintas. Julgamos, por outro lado, que a confluência de rotas comerciais durante o Bronze Final e a Idade do Ferro foram determinantes para a evolução metalúrgica dos artefactos metálicos, influenciando as comunidades regionais peninsulares.

Digamos que a fibula de “arco multicurvilíneo” ocupou um período cronológico dilatado, entre a 2ª metade ou finais do séc. XI a.C./finais do séc. VIII/inícios do VII a.C. As datações absolutas da Ria de *Huelva* e do depósito de *Peña Negra* (RUIZ-

GALVEZ, 1990: 317-357) são um marco essencial para o Bronze Final da Europa Ocidental. Seguem-se outros resultados, igualmente, calibrados, para uma série de povoados do Norte (*Coto da Pena, S. Julião, Barbudo, Castelo de Matos, Bouça do Frade*) e do Centro (*N.ª Sr.ª da Guia, em Baiões; Castro de St.ª Luzia, em Viseu; Castro de S. Romão, em Seia*) de Portugal (SILVA, 1986: 33-34; CARBALLO ARCEO/FÁBREGAS VALCARCE, 1991: 243-264; HEDGES *et alli*, 1990: 211-237; JORGE, 1988), Meseta Ocidental ou Galiza, que fixam o limite cronológico inferior do Bronze Final II/III (1100-700 a.C.). É neste painel de desenvolvimento cultural dos povoados do Norte e Centro de Portugal (1250-1100 a.C./1100-700 a.C.) durante o Bronze Final, que situamos o modelo mais antigo da fibula de “arco multicurvilíneo”. A 2.ª modalidade situar-se-á em torno do séc. IX a.C., enquanto que a última pertencerá ao período de transição do Bronze Final/1.ª Idade do Ferro, ou seja, entre os meados do séc. VIII e VII a.C.. É neste período de transição do Bronze para o Ferro, que surgirão transformações orgânicas dos povoados peninsulares inclusive nas zonas do interior e em toda a costa portuguesa com a colonização fenícia, entre os meados do séc. IX a.C./inícios do VIII a.C. (AUBET SEMMLER, 1994: 323).

Denota-se durante este período cronológico no Noroeste Peninsular uma nova orientação metalúrgica, quanto aos processos de fabrico de objectos de ouro e de bronze, conservando-se, porém, os fluxos do tipo atlântico-mediterrânico. Surge uma orientação diferenciada da produção indígena ou orientalizante (tartéssica), a de natureza fenícia colonial peninsular. A mercadoria do barco naufragado da Ria de Huelva (RUIZ-GALVEZ PRIEGO, 1995: 129-155) reflecte os intensos intercâmbios comerciais, entre o Mediterrâneo e o Sudoeste Peninsular, graças ao posicionamento estratégico da península de Huelva, situada entre dois grandes cursos fluviais. Estes permitiam o acesso às “riquezas da sua hinterlândia”: minerais do Sudoeste e da Estremadura, gado, sal ou outros produtos peninsulares. O barco naufragado transportava diversos produtos provenientes dos portos por onde passava, como a lança de tipo britânico, as fíbulas e capacetes extra-peninsulares ou imitações de protótipos mediterrânicos (RUIZ-GALVÉZ PRIEGO, 1995: 130-132).

É neste quadro geo-histórico do Bronze Final/1.^a Idade do Ferro, que surgem novas fibulas, resultantes de anteriores protótipos extra-peninsulares, ou, concebidos nas oficinas peninsulares. As transformações são, não só no plano morfológico, mas também tecnológico e mecânico. Situamos neste horizonte geo-histórico, as fibulas ditas de falso “*ad occhio*”, “*Sem Mola*” e de “*Dupla Mola*”. Em relação à primeira encontramos nesta “*fronteira*” cronológica uma diversidade de fibulas evoluídas do modelo-tipo de “*arco multicurvilíneo*”, e que classificamos como um sub-tipo de “*arco serpentiforme*” ou de falso “*ad occhio*”. Incluímos aqui certas modalidades das fibulas classificadas, por RUIZ DELGADO, de fibulas *acodadas*, que o autor data do séc. VIII a.C./VII a.C. (RUIZ DELGADO, 1989: 52-53 e 58), como o exemplar de *Villamorón* (Burgos). Entendemos que esta peça e outras, como a de *Alegrios* (Idanha-a-Nova), contemporânea da forma tardia de “*arco multicurvilíneo*” (=arco serpentiforme), terão sido as descendentes da fibula de tipo *Huelva*, oriunda do mundo sículo (BIRMINGHAM, 1963: 103) e que evoluiu para as designadas fibulas *acodadas tardias*, do tipo *Tamassos* (RUIZ DELGADO, 1989: 62), frequentes na Península Ibérica, a partir dos meados do séc. VIII a.C., momento de intenso movimento comercial entre a Península Ibérica e o Mediterrâneo Oriental e Ocidental (Chipre e Grécia).

É precisamente neste período histórico que se intensificam as colonizações orientais no Sul da Península, a par da difusão de novos modelos de fibulas com o grupo de fibulas *acodadas tardias*, evoluindo ou divergindo de outras categorias criadas: tipo “*Sem Mola*” e “*Dupla Mola*”; tipo *Alcores e Bencarrón*; tipo de “*bucle*”, “*dupla mola*” tardia.

Digamos que surge um mosaico de fibulas diferenciadas entre si no limiar do Bronze Final/1.^a Idade do Ferro, mas com um elo comum remoto -a fibula de arco em “*violino*” e de “*arco simples*” da Idade do Bronze. Referimo-nos ao universo de modelos dispersos pela “*fronteira*” do Bronze Final/1.^a Idade do Ferro. Citemos, a título de exemplo, a fibula de tipo “*Sem Mola*” (fig. 2) e de “*Dupla Mola*” (fig. 3). Aquela é rara na Península Ibérica, estando documentada em Portugal (quatro exemplares de *Conimbriga* e um de *Santa Olaia* -Figueira da Foz) e em Espanha (1 exemplar de *Écija*-Sevilha). Este modelo constitui um fabrico peculiar no contexto europeu, nomeadamente na Península (PONTE, 1973: 368, Est I; *id. ibidem*, 1980: 159:162, fig. 1); GARCIA e ASENSIO, 1989:

148-152). Há, sem dúvida, contornos morfológicos que sugerem, pela estrutura e mecânica, um grupo de fibulas sicilianas, sobretudo com as de *Falerii, Veteres* e *Tarquínia*, datáveis entre 950-800 a.C. (ABERG, 1930: 69, pp. 193, tumulo 203 -Veteres - Tarquínia -Falerii e fig. 194).

Os exemplares peninsulares, como peças híbridas, mas afins das fibulas de tipo “*serpentiforme*” siciliana da Itália Central (PONTE, 1973: 368; *id. ibidem*, 1980: 159-162) aproximam-se, no nosso entender, dos modelos estudados por NILS ABERG. As poucas referências tipológicas conhecidas para um modelo tão raro prendem-se necessariamente com as informações genéricas, e com a ausência de horizontes estratigráficos seguros dos exemplares recolhidos em Portugal. Tal facto, não nos permite nenhuma dedução cronológica segura, mas comparativa quanto ao universo morfológico e cronológico das fibulas sicilianas, de tipo “*serpentiforme*” da Itália Central. É provável que estas e outras modalidades de tipo “*serpentiforme*” tão frequentes na Itália Central e no universo siciliano durante o Período IV (950-800 a.C.) possam ter degenerado na forma peculiar da Península Ibérica, provavelmente dos finais do séc. IX a.C. (inícios do VIII a.C). Não incluíamos, neste grupo, o fio de arame correspondente a um pé, em bronze (GRANDAL, 1988-89: 58, figs. 2.I.) do *Castro Coto do Mosteiro* (Ourense), por poder inserir-se noutras modalidades do Bronze Final Tardio/1.^a Idade do Ferro.

Este tipo consiste em dois fios de arame dobrados em L e, encaixando-se um no outro, formam um rombo ou um trapézio; um funcionava de fusilhão, geralmente de secção roliça, e o outro assumia o perfil de arco, com secção quadrada ou rectangular. O fusilhão dobrado em L invertido encaixa-se num olhal ou orifício vertical existente na cabeça ou na extremidade mais larga e plana do arco. Este ao dobrar-se em cotovelo forma, para além da cabeça, um pé longo e descanso longo e dilatado. O recorte morfológico do pé, fusilhão e descanso vai caracterizar algumas formas do Bronze Final Tardio e os arvores da 1.^a Idade do Ferro. Presumimos que estes exemplares peninsulares, de inspiração italiana, teriam sido fabricados na fachada atlântica peninsular, em ambientes pré-coloniais dos finais do séc. IX a.C. Esta proposta provem da existência de outras classes de material metálico e entrecruzamento de tipos

cerâmicos, como sejam o esconderijo do Bronze Final de *Coles de Samuel* -Soure (PEREIRA, 1971), a foice de *Conimbriga* (COFFYN, 1978: 365-369), o torques de *Penela* (ALMAGRO-GORBEA, 1974: 259-282), as ocorrências cerâmicas da *Lapa do Fumo* - Sesimbra (SERRAO, 1978: 27-46) e do *Cabezo de S. Pedro*- Fase I (BLAZQUEZ MARTINEZ *et alli*, 1979: 177). Digamos que estas ocorrências apontam, antes do estabelecimento da rede comercial fenícia (séc. VIII a.C.) contactos com o mundo fenício durante o séc. IX a.C., através do território tartéssico, centrado na Andaluzia Ocidental, entre Huelva e o Baixo Guadalquivir (GAMITO, 1988: 181-188; COROBARROJA, 1971: 113). Os exemplares peninsulares de tipo “*sem mola*” confirmam a importância comercial desenvolvida pelos fenícios num período pré-colonial de penetração e expansão de protótipos culturais de áreas de influência mediterrânica, antes da fundação de empórios que controlassem o intercâmbio de bens e produtos com as populações indígenas peninsulares. Está comprovado pelos dados arqueológicos que as colónias e feitorias fenícias não devem ser anteriores a 800-750 a.C. (ALARCÃO, 1996: 19).

A procura de prata (Andaluzia -Sul de Espanha), estanho (Noroste Peninsular) e de cobre (zona meridional da Península) pelos Fenícios concorreu para a intensificação dos contactos comerciais com a população indígena, e consequente produção e desenvolvimento de técnicas de fabrico de múltiplos artefactos metálicos, dos quais destacamos as fibulas.

Esta produção regional, da qual se salientam os escassos exemplares de tipo “*Sem Mola*”, situar-se-ia na área tartéssica de *Huelva-Cadiz*, por onde circulavam variadíssimos produtos em direcção à faixa litorânica e ao interior peninsular. Esta categoria penetraria no território português por *Huelva-Cadiz*, em direcção a *Castro Marim* e *Cerro da Rocha Branca* (Silves), subindo a *Alcácer do Sal (Atul)* e Almada (*Quinta do Almaraz*), na foz do Sado, para depois a norte do Tejo, nas imediações da foz do Mondego, aportar a *Santa Olaia* (Montemor-o-Velho) e *Conimbriga*. É nesta vasta rede comercial, designada por alguns investigadores de “*mercado atlântico*” (ARRUDA, 1994: 52), que circulavam todos os objectos de cariz mediterrânico e atlântico, provenientes da Europa Central e Ocidental, das ilhas Britânicas, sobretudo da Irlanda, da Bretanha Francesa, do Mediterrâneo Central e Oriental. Esta ambiência geo-histórica

envolve, igualmente, a fibula de “*Dupla Mola*”. A sua produção está directamente relacionada com o período colonial dos povos fenícios, porventura em torno de 700 a.C.. Esta linha de “*fronteira*” está associada ao período cronológico correspondente às últimas produções do depósito de fundidor do *Castro da Senhora da Guia-Baiões*, S. Pedro do Sul (SILVA *et alii*, 1984: 73-95). É uma das formas mais correntes da 1.ª Idade do Ferro e difundida na Península Ibérica.

O modelo-tipo subdivide-se em múltiplas variantes, permitindo determinar o seu percurso estrutural, mecânico, tecnológico e cronológico.

Revela influências orientalizantes de vários tipos mediterrânicos, no decurso do séc. VIII a.C., (PONTE, 1989: 77). A cadeia evolutiva da fibula de “*Dupla Mola*” revela diferenças mecânicas e tecnológicas indispensáveis para a sua datação. Os modelos mais arcaicos e singelos, feitos pelo processo da forja, situar-se-iam na “*fronteira*” do Bronze Final Tardio/1.ª Idade do Ferro; as mais elaboradas e complexas eram obtidas por meio da fundição, em molde bivalve, ou, então, seguiam um processo misto de fabrico: forja e fundição em molde. A estrutura e mecânica da fibula de “*Dupla Mola*” revelam já uma nova etapa da metalurgia, acentuando-se aquelas características na variedade das fibulas da 1.ª Idade do Ferro. O fusilhão e o pé são os dois elementos estruturais que, associados à mola unilateral simples ou “*dupla*”, vão conferir à fibula mais robustez e flexibilidade.

A curvatura do fusilhão e a projecção recta ou oblíqua do pé constituem os dois elementos correntes da 1.ª Idade do Ferro, sucedânea das fibulas do Mediterrâneo Central e Ocidental sobretudo dos modelos de “*ad arco serpeggiante*” e “*ad occhio*” estudados por MONTELIUS e SUNDWALL. A projecção do pé revela, por outro lado, uma das fases evolutivas desta fibula. A criação *suí generis* de duas molas unilaterais vem reduzir a fragilidade dos pontos de união entre os vários elementos estruturais da fibula de “*Dupla Mola*”. Os sub-tipos evoluídos (SCHULE 2c e 2d) que apresentam um pé coroado por um botão ou que descrevem um apêndice caudal estão associados a outras categorias de fibulas da 1.ª Idade do Ferro: tipo “*bucle*”, *Alcores* e *Bencarrón*. A fibula de “*Dupla Mola*” é uma das formas mais arcaicas e mais valiosas para a investigação arqueológica do 2.º quartel do primeiro milénio em todo o Sudoeste Europeu, mormente

para a Proto-História peninsular. Questiona-se a sua origem e as vias de difusão das fibulas de “*dupla mola*” (RUIZ DELGADO, 1989: 106-114) Perfilho a opinião de RUIZ DELGADO e de outros investigadores europeus, quando admitem um fabrico peninsular, provavelmente andaluz, mas de inspiração ou derivado das fibulas serpentiformes (*arco serpeggiante*) sicilianos (GUZZO, 1969: 307). Deduz-se que artesãos indígenas andaluzes e comerciantes autóctones ou orientais contribuíram para a sua criação e difusão, através de rotas marítimas e terrestres para todo o espaço peninsular, e para o Sul de França, pelo menos, nos inícios do séc. VIII a.C.. A sua abundância e dispersão pelo *Languedoc* (Sul de França) e *Península Ibérica* poderá estar relacionada não só pelo comércio fenício, mas também pelas gentes centro europeias, que se fixaram no NE da Península Ibérica (ALMAGRO GORBEA, 1969: 98), associadas aos *Campos de Urnas*. Estamos em crer que a larga difusão da “*Dupla Mola*”, de origem peninsular (Andaluzia), se deve ao comércio fenício, que usou duas vias: uma, seguiria a rota da prata, pela Estremadura e Meseta; outra, pela zona levante, percorria o Ebro, o interior da Catalunha, a Meseta Oriental, penetrando pelo Jalón (ARGENTE OLIVER, 1974: 153). A sua difusão até ao *Languedoc* (Sul de França) dever-se-ia aos povos invasores centro-europeus, associados à cultura dos *Campos de Urnas*.

Os modelos mais evoluídos da fibula de “*Dupla Mola*” parecem ser um fabrico da submeseta, designados por tipo “*Miraveche*” (RUIZ DELGADO, 1989: 97). Os exemplares portugueses abrangem dois sub-tipos (SCHULE 2a-2b), oscilando entre a 2.^a metade do séc. VIII a.C./VII a.C. e os meados do séc. VII a.C.-VI a.C.. A diferença entre eles está, essencialmente, na secção e recorte decorativo do arco, no número de espiras das duas molas unilaterais e na maior ou menor projecção do pé e do fusilhão. Inserimos, na primeira modalidade, as fibulas de *Conimbriga* (PONTE, 1973: 159-197, Est. I, n.º1; CORREIA, 1994: 229-283), do *Castro da Senhora da Guia*, em *Baiões* (KALB, 1974/77: 1 41-144), do *Alto das Bocas*, em Rio Maior (VIANA *et alli*, 1950; COFFYN, 1985: 414), do *Castro de Pragança*, no Cadaval (COFFYN, 1985: 417), no *Monte da Pena -Barro*, em Torres Vedras (COFFYN, 1985: 417 e 273; MAC-WHITE, 1951), do povoado de *Corôa do Frade -Évora* (ARNAUD, 1979: fig. 6, n.º 7), do castro de *Arraiolos*, em Évora (COFFYN, 1985: 417; MARQUES e ANDRADE, 1970: 147) e da

Quinta do Marcelo, em Almada (BARROS, 1998: 34); no segundo grupo destacamos os exemplares da necrópole de *Alcácer do Sal* (PONTE, 1985: 137-154, n.º4), do *Barreiro do Tojal*, em Alpiarça (PONTE, 1982: 3-10, fig. 2), e no *Casal da Vila Chã Norte*, na Amadora (PONTE, 1982-83: 107-116). Esta sequência tipológica da fibula de “*Dupla Mola*” reflecte a dinâmica evolutiva destas e de outras peças nos finais do Bronze Final/1.ª Idade do Ferro, tornando-se geradoras de outros modelos tipicamente da 1.ª Idade do Ferro.

5. Considerações Finais

As fibulas da Idade do Bronze que aportaram à Península Ibérica durante a 2.ª metade do 2.º milénio a.C. e inícios do 1.º milénio a.C., e se transformaram em novos e múltiplos modelos, permitem, através da sua riqueza tipológica e dos achados arqueológicos dos últimos anos, avaliar os vários estádios na nossa Pré e Proto-História.

O estudo das fibulas de “*arco multicurvilíneo*”, das de tipo “*Sem Mola*” e de “*Dupla Mola*” reflectem a presença de protótipos mediterrânicos, de influências centro-europeias e italianas na estrutura, mecânica e fabrico deste objectos metálicos: reflectem, igualmente modificações técnicas e decorativas por artesãos hispânicos ou extra-peninsulares; indiciam também um grau de conhecimento apurado das fibulas mediterrânicas, a par da criação de difusão de modelos peninsulares, para além das zonas de fabrico e maior actividade económica. Referimo-nos à adopção de protótipos extra-peninsulares para a criação de modalidades evoluídas de “*arco multicurvilíneo*”, de “*Dupla Mola*”, de tipo *Alcores*, *Bencarrón* ou *Acebuchal*. Assiste-se, durante o Bronze Final, ao fluxo de correntes recíprocas entre a Península Ibérica e a Península Itálica, sobretudo com a Etrúria, a zona meridional e as ilhas mediterrânicas da Sicília e Sardenha; este intercâmbio comercial e cultural estendia-se ao Mediterrâneo Oriental (Chipre, Grécia, mar Egeu e Palestina) e às zonas centro-europeias, através dos vários corredores terrestres, marítimos e fluviais da Península Ibérica, que correspondiam a uma rede de *hinterland* de bens e produtos regionais e inter-regionais. Este fluxo de contactos, entre as várias regiões do mundo circunscrito ao Bronze Final, permite inserir as fibulas mais antigas de “*arco multicurvilíneo*”, sucedâneas das fibulas de “*ad occhio*”, num horizonte *preorientalizante* do Bronze Final no território português, donde se

destacam os exemplares do Grupo de Baiões/Santa Luzia, datados de 1100-940 a.C.. Os exemplares mais evoluídos da fibula de “arco multicurvilíneo” (arco serpentiforme), de falso tipo “ad occhio”, “Sem Mola” e de “Dupla Mola” situam-se já na “fronteira” do Bronze Final/1.ª Idade do Ferro. Os tipos e sub-tipos desta fibulas reflectem já um novo horizonte e ambiente geo-histórico, coincidente com a presença fenícia da Península Ibérica. Digamos que as linhas evolutivas das fibulas de “ad arco serpeggiante”, e das incorrectamente designadas de “ad occhio” nos meados e finais do séc. IX a.C. vão inspirar os modelos hispânicos designados por fibula de tipo “Sem Mola” e de “Dupla Mola”. Ambas reflectem uma ambiência pré-colonial fenícia, centrada na Andaluzia Ocidental. A fibula de “Dupla Mola” constituirá o modelo hispânico mais característico da Península Ibérica, representando, pela sua larga difusão e evolução morfológica, a acção importante dos colonizadores fenícios no último período do Bronze Final.

Surge, assim, uma nova realidade, chamada “Período Orientalizante” ou “Período das Colonizações”, coincidente com a influência fenícia na Península Ibérica. Chama-se tradicionalmente a esta nova realidade histórica a “Idade do Ferro”. É também marcante neste período de “fronteira” histórica as novas movimentações de populações de origem centro-europeia. É igualmente curioso constatar que, nesta convergência de fluxos e refluxos de estímulos exógenos e endógenos, certas comunidades peninsulares conservam comportamentos e tecnologias ditas “arcaizantes”. Dir-se-ia que há diferentes características culturais ou áreas regionais peninsulares, sobretudo no actual território português 1.ª Idade do Ferro no Sul e no Norte e Centro de Portugal -, que dificultam a inserção de certas fibulas no quadro do Bronze Final Tardio ou na 1.ª Idade do Ferro. Parece evidente que os sub-tipos de “arco serpentiforme”, “Sem Mola” e de “Dupla Mola” da zona litorânea, por onde se desenrolaram as influências orientalizantes de uma continuidade e não ruptura com o momento histórico precedente. Esta evidência é corroborada pelo fabrico cerâmico do Bronze Final e pela presença de algumas importações de origem meridional e orientalizante. Julgamos que estas fibulas tão frequentes no estuário do Tejo e do Sado possam ser enquadradas no período de ocupação do Bronze Final Tardio/1.ª Idade do Ferro, ou seja, entre os finais do séc. IX a.C./inícios do VIII a.C..



casadesarmento

centro de estudos do património



Fig. 1. Fibula de "arco multicurvilíneo" Sepultura da Roça do Casal do Meio (GOMES, M.V., 1995. 95, n.º 70)

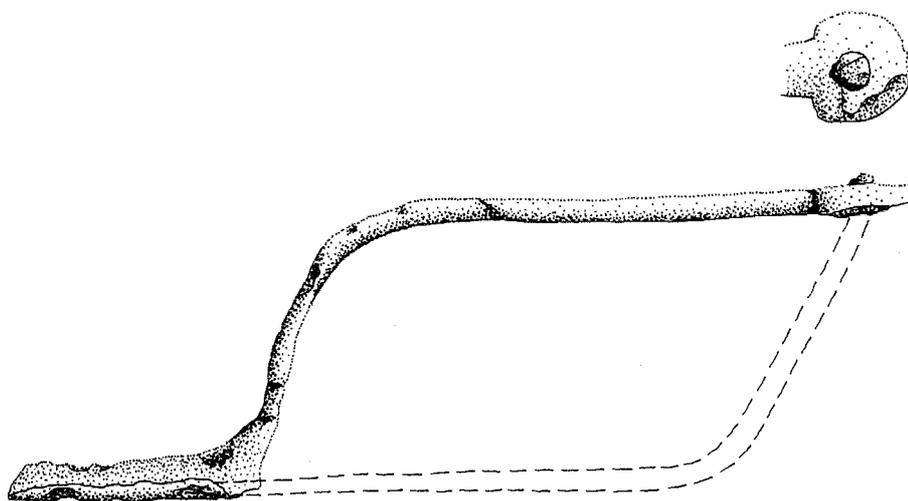


Fig. 2. Fibula do tipo "Sem Mola" de Conimbriga

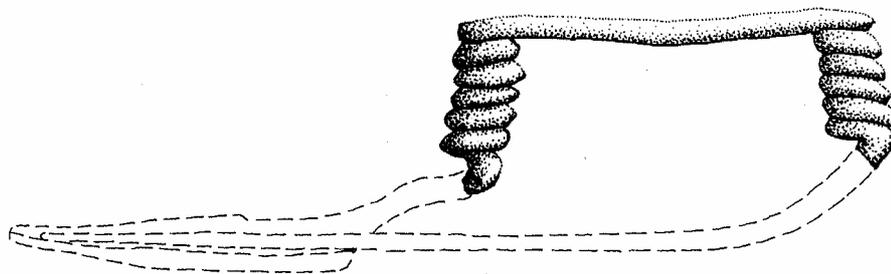


Fig. 3. Fibula de "dupla mola" de Conimbriga

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de, (1996): Os casais do Bronze Final. "O Primeiro Milénio a.C.", Lisboa, p.15-30.
- ALMAGRO BASCH, M., (1940): La cronología de las fibulas españolas de codo "Saitabi", II, Valencia.
- (1957): Las fibulas de codo de la ría de Huelva. Su origen y cronología, "Cuadernos de la Escuela Española de Roma", IX, Madrid, pp.7-46.
- ALMAGRO GORBEA, L. (1969): Las necrópolis de las Madrigueras, Carrascos a del Campo (Cuenca), "Biblioteca Prehistorica Hispana", X.
- (1974): Los tesoros de Sagrajas y Berzocaña y los torques de oro macizo del Occidente Peninsular, "Actas do III congresso Nacional de Arqueologia", Porto, MEN., pp.259-282.
- (1986): Bronze Final y Edad del Hierro. La fomacion de las etnias e culturas prerromanas, "Historia de España", 1 (Prehistoria), Madrid, pp.350-532.
- ARGENTE OLIVER, J. L., (1974): Las fibulas de la necrópolis ceitibéricas de Alquilar de Anguita; " Trabajos de prehistoria", XXXI.
- (1994): Las fibulas de la Edad del Hierro en la Meseta Oriental, Valoración tipológica, cronología y cultural, "Excavaciones Arqueológicas en España", Madrid.

- ARNAUD, J. M. (1979): Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - escavações de 1971/72, *"Madriider Mitteilungen"*, 20, pp. 55-100.
- AUBET SEMMLER, M.9 E., (1994): Aproximación a la estructura social y demografia tartésica, *"Actas del Coogroso Tartessos" 25 años después*, Jerez, pp. 297-338.
- BARROS, L. (1998): Introdução à Pré e Proto-História de Almada, Almada.
- BERNABO BREA, L., (1953-54): La Sicilia prehistorica y sus relaciones con Oriente y La Peninsula Ibérica, *"Ampurias"*, XV-XVI, Barcelona, pp. 191-213.
- BLASQUEZ MARTINEZ, J. M., RUIZ MATA, D. REMESAL RODRIGUEZ J., RAMIREZ SABADA, J. L. e CLAUSS, K., (1979): Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1977", Madrid, pp. 150-192.
- BLINKENBERG, C., (1926): Fibules Grecques et Orientales, Robenhaun.
- CARBALLO ARCEO, X., e FÁBREGAS VALCARCE, R., (1991): Dataciones de carbono-14 para castros del noroeste peninsular, *"Archivo Español de Arqueología"*, (64), pp-243-264.
- CARRASCO RUS, Javier, e PACHON ROMERO, Juan, A., (1998): Fibulas de codo tipo Huelva de Montejícar, Granada, FLOR. II. 9.
- CARRASCO RUS, J., PACHON M., PASTOR, I., (1981): Cerro de La Mora, Moraleda de Zafayona. Resultados preliminares de la segunda campaña de excavaciones (1981). El corte 4, *"Cuadernos de la Prehistoria de la Universidad de Granada"* pp. 307-354.
- COFFYN, A., (1985): Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique (Publ. du Centre Pierre Paris, 11), Paris.
- CORREIA, V. F. (1994): Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego, *"Estudos Orientais"* IV, pp. 229 -283.
- COROBAROJA, J., (1971): La realeza y los reyes en la España Antíqua, *"Estudos sobre la España Antíqua"*, 17, Madrid, pp. 51-159.
- CUADRADO, Emeterio, (1963): Precedentes Y Prototipos de la fibula anular hispanica, Madrid.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1978): Una Inhumación triple de facies Cogotas I en S. Román de la Hornija (Valladolid), T.P. (Trabajos de Prehistoria), 35.

- (1981): Una interesante fibula del bronze final del Cerro del Berrueco (Salamanca), “*Revista de Guimarães*”, (91), pp. 171-182.
- DUVAL, A., ELUÉRE, C., e MOHEN, J.-P., (1974): Les fibules antérieures au VIe siècle avant notre ère, trouvées en France, “*Galia*” (32), pp.1-61.
- GAMITO, T., (1988): Social complexity in southwest Iberia (8th do 3rd cents. b. c.). Aspects of evolution and interaction, Cambridge, pp. 193-194.
- GIL, F. B., SENNA-MARTINEZ, J. C.; GUERRA, M. F. SERUYA, A.J. E FABIÃO, C., (1989): Produções metalúrgicas do bronze final do Cabeço do Castro de São Romão, Seia: uma primeira análise, “*Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*” Viseu, pp. 135-248.
- GOMES, M. V., (1995): A Sepultura da Roca do Casal do Meio, “*A Idade do Bronze em Portugal*” Discursos do Poder, Lisboa, pp.94-95.
- GOMES, M.V., e MONTEIRO, J.P., (1976-77): As estelas decorativas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja) - estudo comparado, “*Setubal Arqueológico*”, vol. II-III, pp. 281-343.
- GRACIA Y ASECIO, J.J.S. de., (1989): La fibula en la Hispania Antigua: las fibulas protohistóricas del Suroeste Peninsular, Madrid.
- GRANDAL; Luis Orero, (1988-89): Contribucion al estudio de las fibulas del Noroeste: las fibulas del Castro “Coto do Mosteiro” (O Carballiño-Ourense), “*BAUR*”, XVIII-XIX, pp.57-71.
- GUERRA, A., FABIÃO, C., e SENNA-MARTINEZ, J. C., (1989): O Cabeço do Castro de S. Romão (Seia). Alguns resultados preliminares das campanhas 1 (1985) e 3 (1987), “*Actos do I coloquio Arqueológico de Viseu*”, Viseu, pp. 189-138.
- GUZZO, P.G. (1969): Considerazion sulle fibule del ripostiglio dalla Ria de Huelva, “*Riv. di SC. Pr.* XXIV.
- (1970): La fibule dalla Preistoria al I Secolo a. C., “*Breviari di Archeologia*”, 2, Roma.
- HEDGES, R.E.M. *et alli*, (1990): Radiocarbon dates from Oxford AMS System: Archaeometry datelist 11, “*Archaeometry*”, n.º32 (2), pp. 211-237.
- JORGE, S.O., (1988): O povoado de Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal, Porto, GEAP, “*Monografias Arqueológicas*”, nº2

- (1990): Desenvolvimento da Hierarquização Social e Metalúrgica” (cap. IV), Portugal das Origens à Romanização. I (coord. Jorge de Alarcão), Lisboa, ed. Presença, pp. 163-212.
- KALB, Ph., (1974/77): uma data C-14 para o Bronze Atlântico, “O Arqueólogo Português”, Série III, vols. VII-IX, Lisboa, pp. 141-144.
- (1978): Senhora da Guia, Baiões, “Madrider Mitteilungen”, (19), pp. 112-138.
- MAC-WHITE, E., (1951): Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispania en la Edad del Bronce (publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre), Madrid.
- MARQUES, G., e ANDRADE, M., (1970): Aspectos da protohistoria do território português. 1 - definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça - Idade do Ferro, “Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia”, I, Porto, pp. 125-147.
- MONTELIUS, O., (1895): La civilisation primitive en Italia (Depuis L'Introduction de Métaux), Estocolmo.
- PARREIRA, R., (1971/75): O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja), “Arquivo de Beja”, XXVIII-XXXII, pp. 31-45
- PEREIRA, M.ªA.H., (1971): O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure), “Arqueologia e História”, Série n.º9, Vol. III, Lisboa.
- PONTE, S., (1973): Fibulas Pré-Romanas e Romanas de Conimbriga, “Conimbriga”, (12), pp. 159-197.
- (1982): Uma coleção de fibulas da Estremadura, “Bol. Cult da Assembleia, Distrital de Lisboa”, Lisboa, III Série, (88), 1.º tomo, pp. 3-10.
- (1982-83): Algumas fibulas dos concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer, “Sintra”, I-II (1), pp. 107-116.
- (1984): Fibulas do Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré), “Conimbriga”, XXIII, pp. 87-95.
- (1985): Algumas fibulas de Alcácer do Sal, “O Arqueólogo Português”, Lisboa, Série IV, (3), pp. 137-154.
- (1986): Uma fibula de Mondim da Beira, “Beira Alta”, Vol. XLV, fasc.1-2, pp.70-71.

- (1986): Valor residual de seis fibulas da região de Beja-dimensão arqueológica e significado sócio-cultural, “*Arquivo de Beja*”, vol. III, 2.^a série, pp. 75-87.
 - (1989): As Fibulas do Bronze Final Atlântico/1.^a Idade do Ferro do Noroeste Peninsular - abordagem e enquadramento cultural, “*Trabajos de Antropologia e Etnologia*”, Porto, fasc.1-4 (29), pp. 73-81.
 - (1997): “*Intercâmbios e assimetrias regionais das fibulas dos finais do bronze, com as do mundo atlântico e mediterrânico*”, II Congreso de Arqueologia Peninsular, III, Zamora (no prelo).
- PONTE, S., e VAZ, J. L.I: (1989): Considerações sobre algumas fibulas de Santa Luzia (Viseu - seu contexto estratigráfico), “*Actas do I Colóquio de Arqueologia de Viseu*”, Viseu, (2), pp. 1981 - 188.
- RUIZ DELGADO, M.M. (1989): Fibulas Proto-Históricas en el sur de la Peninsula Ibérica, “*Filosofía y Letras*”, Sevilha, série 112.
- RUIZ M.,-GALVES, P. M., (1990): La metalurgia de Peña Negra I-, “*A Gonzalez Prats: nueva luz sobre la Protohistoria del Sudeste*”, Alicante, pp. 317 -357.
- (1995): Cronologia de la Ria Huelva en el marco del Bronce Final da Europa Occidental, “*Ritos de la Paso y Punto de Paso. La Ria de Huelva en el mundo del Bronce Final, Europeo*”, Madrid, pp. 79-83.
- SANCHES, M. J. (1995): O povoado da Lavra, Serra da Aboboreira, A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder, ed. IPM, Lisboa.
- SERRAO, E. C., (1978): A Lapa do Fumo, “*Aspectos e Métodos da Pré-História*”, Porto, GEAP, n.º1, pp.27-46.
- SILVA, A.C.F., (1986): A cultura castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira.
- SILVA, A.C., et alli, (1984): Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu), “*Lucerna*” (vol. de homenagem a Domingos de Pinho Brandão), Porto, pp. 73-109.
- SPINDLER, K., BRANCO, A. de C., ZBYSZEWSKI, G., e FERREIRA, O. da V., (1973-74): Le monument à coupole de l’âge du bronze de la Roça do Casal do Meio (Calhariz), “*Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*”, LVII, pp. 91-154.
- SUNDWALL, J., (1943): Die Alterer Italischen Fibeln, Berlim.

VIANA, A., VEIGA FERREIRA, O., FORMOZINHO, J., (1950): *Necrópolis de Caldas de Monchique*, Madrid.

VILAÇA, R., (1995): Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais do Bronze, *“Trabalhos de Arqueologia”*, 9, (1-2).